



A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA (Listening to the Word of God in the liturgy)

Ademilson Tadeu Quirino

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

E-mail: peatquirino@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns elementos de profunda relevância para uma melhor compreensão da importância da dimensão da “escuta” da Palavra de Deus na liturgia. Uma vez que na sociedade moderna se vive a cultura dos ruídos, sobressai a necessidade de uma cultura do ouvir para que, no silêncio das palavras, a Palavra de Deus, proclamada na liturgia, tenha a sua primazia. É uma reflexão que privilegia o espaço celebrativo como ambiente do silêncio e da escuta da Palavra de Deus. Visa a despertar ainda, no coração do ouvinte, por meio de gestos e palavras, a dimensão sacramental da Sagrada Escritura na liturgia.

Palavras-chave: Escuta; Palavra de Deus; Liturgia; Silêncio.

ABSTRACT

This article aims to present some elements of deep relevance for a better understanding of the importance of "listening" to the Word of God in the liturgy. Once we live the culture of noises in the modern society, there's a need for a culture of listening, so that in the silence of words, the Word of God, proclaimed in the liturgy, can have its primacy. It is a reflection that signs out the celebrative space as an environment of silence and listening to the Word of God. It also intends to awaken in the heart of the listener, through gestures and words, the sacramental dimension of Scripture in the liturgy.

Keywords: Listening; Word of God; Liturgy; Silence.

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II, no próêmio da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, afirma que o Concílio, ao ouvir a Palavra de Deus, obedece ao dito de São João: “o que vimos e ouvimos, vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco e a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1, 2-3). Diz ainda que o Concílio pretende propor uma genuína doutrina sobre a Revelação Divina e a sua transmissão. E conclui o próêmio, citando Santo Agostinho, “ouvindo o anúncio da salvação, o mundo inteiro creia, crendo espere, esperando ame”.¹ É com este espírito que a Constituição dogmática fala da importância do contato com a Palavra de Deus na liturgia.

¹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, n. 1, pp. 5-6.



O Documento de Aparecida, por sua vez, afirma que o discípulo de Cristo é um filho obediente à voz do Pai para escutar a Jesus (Lc 9,35).² Igual às primeiras comunidades cristãs, hoje os cristãos se reúnem assiduamente para escutar a Sagrada Escritura e dela se nutrir.³ O poder do Espírito Santo e da Palavra de Deus contagia e leva as pessoas a escutar Jesus Cristo, a crer n'Ele como seu Salvador, reconhecê-Lo Senhor das suas vidas e seguir seus passos na dinâmica da ação missionária.⁴ As pequenas comunidades são ambientes propícios para escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar na oração, aprofundar processos de formação na fé e fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. Anunciar Jesus ao outro requer uma escuta autêntica e obediente.⁵

Percebe-se que o Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, referindo-se aos padres sinodais, afirma que eles insistiram a respeito do valor do silêncio para a recepção da Palavra de Deus na vida dos fiéis e a necessidade de educá-los para tal valor. Redescobrir a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja significa redescobrir o sentido do recolhimento e da tranquilidade interior. É no silêncio que a Palavra de Deus encontra morada na vida da pessoa, como aconteceu com Maria, mulher silenciosa. A liturgia deve facilitar esta escuta autêntica e silenciosa como parte integrante da celebração.⁶

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco exorta o pregador da Palavra de Deus a ser o primeiro a desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Sagrada Escritura. Não basta conhecer o contexto literário e exegético: é necessário se aproximar da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo os pensamentos e sentimentos e gere no pregador uma nova mentalidade.⁷

1 - A “ESCUTA” DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA

Segundo Luís Alonso Schökel, a palavra *Shemá* significa, “ouvir, escutar, atender, prestar atenção, aquiescer, obedecer”.⁸ Essa palavra aparece 169 vezes no texto do Antigo Testamento (texto hebraico, massoreta). A expressão *Shemá Israel* ocorre cinco vezes (Dt 4,1; 5,2; 6,4; 9,1; 20,3). No texto grego dos LXX (Septuaginta) a expressão é escuta Israel, ou seja, *Shemá* foi traduzido por *akoue* que em grego significa “ouvir, escutar, vir a saber”.⁹ Segundo Carlo Rusconi, *akoue* significa “perceber, ouvir, vir a saber, conhecer, prestar atenção, compreender”.¹⁰

O verbo escutar, do latim *auscultare*, é “ouvir prestando atenção”. Requer necessariamente uma atitude humano-religiosa fundamental. A escuta primeira é de Deus: “eu escutei o clamor do meu povo” (Ex 3,7). “Se ele gritar a mim, escutarei o seu grito” (Ex 22,22). Inculca no

² Cf. CELAM. DOCUMENTO DE APARECIDA (DAp). São Paulo: Paulus, n. 103, p. 62.

³ Cf. *Ibid.*, n. 103, p. 62.

⁴ Cf. *Ibid.*, n. 279, p. 130.

⁵ Cf. *Ibid.*, n. 308, p. 141.

⁶ Cf. BENTO XVI. *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 308, p. 141.

⁷ Cf. PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 149, p. 123.

⁸ SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 681.

⁹ Cf. BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1995, pp. 139-140.

¹⁰ Cf. RUSCONI, Carlo. *Vocabulario del greco del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1997, pp. 12-13.



povo de Israel esta primeira disposição diante de Deus: Escuta Israel, (Dt 6,4). O famoso *Shemá Israel* é o resumo da fé judaica rezada pela manhã e tarde.¹¹ O texto de Deuterônimo, 6,4: “ouve, ó Israel: o Senhor nosso Deus é único”, “expressa uma íntima relação entre Deus e Israel”.¹²

No sentido bíblico, escutar é entender. O verbo escutar é muito utilizado no Antigo e Novo Testamento e é carregado de sentido (cf. Is 6,9s; Mt 11,4; 13,16; Mc 4,24; Lc 2,20; At 2,23), muito mais amplo que apenas ouvir. O verbo escutar se entrelaça muitas vezes com o ver. Este ver não está ligado à visão, mas à percepção, sensação etc. As coisas nem sempre são distintas como se lê na primeira carta de João 1,1: “o que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam do Verbo da vida”. Há momentos em que o ouvir vem narrado como uma ação sensorial para que a inteligência decodifique: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Lc 8,8; Mc 4,9). Ou com os órgãos que foram formados, mas não funcionam: “Tem ouvidos, mas não ouvem.” (Jr 5,21; Ez 12,2; Mc 8,18).¹³

A “Palavra”¹⁴ é sinal de interação de Deus com os homens e dos homens com Deus. Um Deus que se comunica por palavra, sendo a Palavra. Um amor que se revela no Filho, Verbo encarnado (Jo 1,14). A encarnação revela o amor do Pai no Filho. Amor percebido na acolhida da Palavra, como escuta do silêncio divino nela escondido. É êxtase, saída de si mesmo para a profundidade de Deus, atraindo a fonte mais pura da luz, o Pai do Verbo eterno.¹⁵

O amor que sai do silêncio de Deus, comunicado pela Palavra, conduz fielmente o seu povo ao evento da revelação. Toda revelação de Deus repousa no acontecimento da autocomunicação em Jesus Cristo, o comunicador do Pai, prosseguida pela ação do Espírito Santo.¹⁶ A liturgia é caminho, lugar da comunicação dialógica de Deus com o homem por meio da fé. É o lugar da escuta e da acolhida silenciosa. Sua função é ser epifania da Igreja. Ela não só anuncia, mas realiza eficazmente a salvação por sinais sensíveis compreendidos pelo homem e vivenciados na fé.¹⁷

1.1 - A AUTOCOMUNICAÇÃO DE DEUS

O termo “autocomunicação” significa que Deus se torna ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem. É Deus em seu próprio ser. É comunicação que tem em mira conhecer e possuir Deus no amor.¹⁸ O que Deus partilha com a humanidade, desde a criação, é o seu próprio mistério, sendo nesse sentido que a comunicação

¹¹ ALDAZÁLBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 132.

¹² ARAÚJO, Gilvan Leite de. *História da Festa Judaica e das Tendões*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 58.

¹³ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. *A Eucaristia: Memorial da Nova Aliança*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 139-140.

¹⁴ Palavra com (P) maiúsculo será sempre quando se referir à fala de Deus e palavra com (p) minúsculo será quando se referir à fala humana.

¹⁵ Cf. FORTE, Bruno. *À escuta do outro*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 52.

¹⁶ Cf. CELAM, *Manual de Liturgia, vol. IV. A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 359.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 359.

¹⁸ Cf. RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2015, pp. 145-148.



de Deus é autocomunicação. Ele fala mais de si mesmo, dá-se a conhecer como Aquele que tem um plano de salvação para a criação. Revela-se mais plenamente na Palavra que se fez Carne (Jo 1,14), o Verbo. Sobre essa Palavra se baseia tudo o que Deus quer comunicar ao mundo e aos homens. O Verbo se encarnou em Jesus Cristo, Palavra de Deus, por excelência, na história.¹⁹ A encarnação é a manifestação definitiva de Deus entre nós. Por meio dela, Jesus se torna homem em meio aos seres humanos e pode comunicar-se com a humanidade de uma forma acessível, porque Ele é o supremo comunicador do Pai.²⁰

Pela revelação Divina, Deus quis comunicar-se a si mesmo. Revelou em Jesus a vontade de salvar os homens, tornando-os participantes do céu.²¹ Cristo instaurou na terra o reino de Deus, por fatos e palavras deu a conhecer seu Pai e a Si próprio, completando sua obra pela morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo.²² Ele, o único que tem palavras de vida eterna (Jo 6,68). Como consequência dessa autocomunicação divina do Pai em Cristo, o projeto de salvação inaugurado por Ele jamais passará. Ninguém pode ir além dEle. Portanto, a autocomunicação de Deus apresenta-se não somente como dom, mas como condição necessária de acolhida deste dom que é o próprio Deus em seu acolhimento.

1.2 - DEUS QUE SE REVELA AO HOMEM, POR MEIO DA PALAVRA

O Deus da revelação judaico-cristã não é somente um Deus comunitário e comunicado para o interior de si mesmo. É um Deus que sai de si e se projeta para além de si mesmo, em gestos sucessivos de comunicação. O primeiro gesto exteriorizado da comunicação de Deus é o da criação. Ela esconde em si os germes de toda comunicação posterior. O Deus da revelação é um Deus criador, que mantém uma relação permanente com a criatura. Ele é uma constante comunicação com o outro, o homem.²³ A revelação é, antes de tudo, uma revelação para a comunicação.

A ação criadora de Deus se manifesta por meio da Palavra. O que chama a atenção é a solenidade com que Deus anuncia a criação do homem. “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele domine os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (Gn 1,26). O homem é um ser dotado de inteligência e vontade. É íntimo de Deus, seu interlocutor. É ele que dá nome às coisas criadas por Deus. A faculdade da fala é, sem dúvida, o traço mais característico da comunicação verbal do homem. O homem dialoga consigo, com o outro e com Deus.

Desse modo, a comunicação passa a ser uma das capacidades essenciais do homem, que o caracteriza e configura.²⁴ O ato criador de Deus acontece, por meio da Palavra. A Palavra de Deus é força e onipotência. Na Palavra de Deus vê-se o paradigma de toda palavra: chegar a

¹⁹ Cf. ANTONIAZZI, Pe. Alberto. *A Palavra de Deus na vida do povo*. São Paulo: Paulinas, pp. 18-19.

²⁰ Cf. DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 553.

²¹ Cf. *Dei Verbum*, n. 6.

²² Cf. *Ibid.*, n. 17.

²³ Cf. DÍEZ, Felicísimo Martínez. *Teologia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 148-149.

²⁴ Cf. ARGÁRATE, Pablo. *A Igreja Celebra Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1997, pp. 91-92.



ser uma Palavra eficaz. Não há diferença entre o dizer e o fazer; é a “*Dabar*”²⁵ de Deus, faz o que diz. Pode-se dizer que não há diferença entre Deus e sua palavra.

O homem moderno, quase sempre, faz uma avaliação negativa da “palavra”, em contraposição com os “fatos”. Isso dificulta a compreensão da função e da importância que a palavra tem na Bíblia. É conveniente, portanto, recuperar uma concepção vital e dinâmica da Palavra, que é aquela própria da Escritura. Na língua hebraica do Primeiro Testamento, o termo técnico por excelência com o qual se designa a palavra *dabar* é muito diferente do *logos* grego.²⁶ Enquanto o *logos* é, antes de tudo, a palavra como indicação, isto é, portadora e mediadora de um significado (elemento noético da palavra), o *dabar* deve ser considerado, em todo o antigo Oriente, como um poder atuante em palavras mágicas e imprecatórias, em bênçãos e maldições, entendida como uma palavra que salva ou arruína, que penetra naquele que é atingido como uma substância substitutiva, que opera partindo de dentro.

Em Israel, a palavra, purificada de qualquer conotação mágica ou emanativa, é considerada como palavra de Deus que plasma a história, com o seu conforto, suas exigências e suas promessas.²⁷

A expressão *dabar YHVH*²⁸ (Palavra do Senhor) significa tanto o agir como o comando de Deus. A palavra de Deus é como um mensageiro que executa pontualmente a sua missão: “Assim como a chuva e a neve que caem do céu para fecundar a terra e germinar as sementes e para lá não voltam sem ter cumprido sua missão, assim acontece com a palavra que sai de minha boca: não voltará a mim sem resultado, sem ter executado aquilo que desejo e sem ter cumprido a missão para a qual a enviei” (Is 55,10-11). *Dabar* poderia ser traduzida em muitos casos como “acontecimento”: “Porque Ele fala e tudo é executado, Ele manda e tudo existe” (Sl 33,9).

A palavra de Deus está na origem da criação e da vida humana (Gn 1,26) e da conservação da vida (Dt 8,3; Sb 16,26). O Segundo Testamento herda do primeiro uma concepção semelhante da Palavra de Deus que é “viva e eficaz” (Hb 4,12) e opera, sobretudo nos crentes (1Ts 2,13). Pode-se dizer que a concepção ativa e concreta da palavra como acontecimento é própria do espírito semítico e que a concepção grega e helenística de um *logos*, puramente representativo, constitui um progresso de análise filosófica, que corre o risco, porém, de perder a força inerente ao hebraico *dabar*. Observe-se, em todo o caso, que os tradutores da Bíblia para o grego já tinham traduzido o hebraico *dabar*, na maioria das vezes, pelo termo grego *logos*.

Toda palavra deve ser manifestação daquilo que uma pessoa é. A palavra é autodoação. Dirigir a palavra já é sair de si, um entregar-se ao outro, um crer no outro. A força da palavra de Deus é tal, que chega a criar o outro, o ouvinte. Desse modo, toda palavra é criadora. Até a

²⁵ A palavra *Dabar* é um vocábulo hebraico, que significa, segundo os contextos, “palavra” ou “acontecimentos”.

²⁶ *Logos* é o mesmo que “palavra, afirmação, promessa, pacto”. RUSCONI, Carlos. *Dicionário Grego do Novo Testamento*, p. 288.

²⁷ Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia: História, celebração, teologia e espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1998, p. 140.

²⁸ Cf. Carta da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos com orientações sobre a “tradução e pronúncia, no âmbito litúrgico, do divino Nome significado no tetragrama sagrado –YHWH”. Disponível em <http://www.revistamissoes.org.br/2016/04/o-uso-do-nome-de-deus>. Acesso em 13/05/2016.



palavra humana cria naquele que ouve um interlocutor, um dialogante, uma realidade nova.²⁹ Pela palavra, o homem procura redimir o murmúrio original do dizer. Pretende, sobretudo o poeta, que a linguagem volte a converter-se no ressoar do nome, eco da Palavra primigênia no horizonte do silêncio, ventre fecundo do advento, espaço do último dia.³⁰

O homem aparece como ser capaz de nomear, de dizer as coisas. Sabe-se a importância que tem, nas culturas antigas e, de modo especial, na hebraica, o nomear. Dar nome a algo é possuir de algum modo seu ser mais profundo, seu mistério. O homem do Éden é nomeador de tudo, como senhor do mundo. Nomear é também autoafirmar-se, diferenciar-se do mundo. O homem manifesta-se como o grande ouvinte da Palavra. “Ele é, antes de tudo, o interlocutor de Deus, aquele diante de quem Deus se mostra tal como é”.³¹ O sentido de sua existência é, exatamente, o de auscultar Deus, ser faminto de sua palavra. O homem deve deixar que a Palavra do Senhor penetre em seu coração, sedimento e dê frutos.

Percebe-se que quando o homem se faz surdo à Palavra de Deus e lhe é desobediente, ele se esconde do seu Criador (Gn 3,8). Será preciso aguardar a Palavra que, inclusive, crie nele a capacidade de escuta (Gn 3,9-10). Essa Palavra é Deus mesmo. Escutar o Silêncio é acolher verdadeiramente a Palavra que é mediação no tempo e na eternidade.³² Com efeito, Cristo é “a” Palavra. Não há palavra na história e no mundo que não se refira ao mistério de Cristo. Toda palavra da Escritura proclama Cristo. Assim compreenderam os discípulos de Emaús: o Senhor caminhava com eles, explicando-lhes todas as Escrituras, como elas anunciavam que o Messias ia sofrer e ressuscitar. O diálogo é o referencial primeiro para definir a comunicação do Verbo e interpretar a história sagrada sob a chave teológica, como se vê na caminhada do povo de Deus do Primeiro e Segundo Testamento.

1.3 - DEUS FALA A SEU POVO REUNIDO EM ASSEMBLEIA LITÚRGICA

Em toda a tradição judaica e cristã, Deus fala a seu povo reunido na fé, ajudando-o a discernir a sua presença salvífica nos acontecimentos da própria vida, na história da comunidade, nos acontecimentos sociais e históricos do povo, da sociedade, do mundo, com a ajuda do Espírito Santo e tendo como referência a Sagrada Escritura.³³ Na Bíblia se encontra a experiência da caminhada do povo judeu e das primeiras comunidades cristãs. Essas são muito parecidas com as de hoje, embora em outras circunstâncias históricas e culturais.

Assim, Bíblia e vida vão se explicando e completando uma à outra. Deus vai revelando seu rosto, esclarecendo seu projeto, realizando a comunhão de vida com o homem. Esse é o método que se aprendeu com o povo judeu e que foi usado pelas primeiras comunidades cristãs para aprofundar sua fé. É esse o método que a liturgia propõe. Entretanto, não vale a chamada leitura fundamentalista, sem levar em conta o contexto histórico em que foi escrita e a realidade em que é lida hoje, com a ajuda do Espírito Santo. Os evangelhos relatam como

²⁹ Cf. ARGÁRATE, Pablo. *op. cit.* p. 92.

³⁰ Cf. FORTE, Bruno. *op. cit.* p. 49.

³¹ Cf. ARGÁRATE, Pablo. *op. cit.* p. 92.

³² Cf. FORTE, Bruno. *op. cit.* p. 51.

³³ Cf. BUYST, Ione. *A palavra de Deus na liturgia* (1). São Paulo: Paulinas, 2012, pp. 13-14.



Jesus, em suas andanças missionárias, ensinava e realizava curas como sinais da chegada do reino de Deus. Falava às multidões e falava também, em separado, a seus discípulos e discípulas.

Depois da morte de Jesus, seus discípulos e discípulas continuaram a sua missão, falando e agindo em seu nome, animados pelo Espírito Santo. Falavam de Jesus e do Reino que ele veio inaugurar a todos os que foram ouvir: nas sinagogas dos judeus, no templo, nas praças, nas praias, à beira-rio, nas prisões, nos interrogatórios... Quando reunidos entre si, em comunidade, lembravam as palavras e os gestos de Jesus, sua morte e ressurreição, a vinda do Espírito Santo, davam graças a Deus, oravam e se alegravam. A cada reunião tentavam compreender tudo aquilo que havia acontecido com Jesus, e os sinais que estavam acontecendo no dia a dia de sua missão.

Percebe-se que na liturgia a Sagrada Escritura tem um papel significativo: é anúncio de Cristo presente na vida e na história do povo. A Igreja não “lê” nem “relê”, não repete materialmente as palavras do livro, mas celebra uma palavra da qual vive, porque, unida ao rito, esta se encarna e continua a cumprir-se em seu interior.³⁴

1.4 - PALAVRA DE DEUS: RITUAL DE SACRIFÍCIO E ALIANÇA EM GESTOS E PALAVRAS

No Primeiro Testamento há uma íntima relação entre palavra de Deus e rito sacrificial. Será suficiente lembrar as três grandes assembleias que caracterizam três momentos decisivos da história do Povo de Deus: a conclusão da Aliança aos pés do Monte Sinai (Ex 24,3-8); a renovação da aliança, celebrada por Josias (2Rs 23,1-23); e a retomada da vida nacional e religiosa depois do exílio da Babilônia (Ne 8-9).³⁵

Na primeira assembleia do povo de Deus aos pés do Monte Sinai, o sacrifício de comunhão comporta a leitura do livro da aliança (Ex 19-24). Somente depois que o povo prometeu obediência à palavra, Moisés toma o sangue do animal sacrificado e asperge o povo dizendo: “Eis o sangue da aliança que o Senhor concluiu convosco na base de todas estas palavras” (Ex 24,8)! Sem a proclamação da palavra, a aliança ratificada com sangue não teria pleno sentido.³⁶

A segunda assembleia acontece no tempo do rei Josias. A reforma religiosa começa com a descoberta do livro da Torah (lei), a purificação do templo (sendo afastados dele todos os objetos de culto idôlatrico) e a destituição dos sacerdotes adeptos desse culto. O momento culminante da reforma é a leitura solene da Torah, na presença do povo reunido em assembleia e a conseqüente celebração do sacrifício pascal. O rei Josias mandou todo o povo celebrar a páscoa do Senhor dizendo: “Celebrai a Páscoa para o Senhor vosso Deus, com o

³⁴ CELAM. *Manual de Liturgia II*. A celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 161.

³⁵ Cf. SARTORE, Domenico; TRIACCA M. Achille (organizadores). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 97.

³⁶ “O rito da aliança mostra o acordo entre os contraentes: Deus, representado pelo altar, e o povo se comunicam através do mesmo sangue, que é o símbolo da vida. O Novo Testamento apresentará a Nova Aliança selada com o sangue de Jesus (Mt 26,28).” Notas de rodapé da página da Bíblia *Edição Pastoral*, p. 97.



rito descrito no livro desta aliança” (2Rs 23,21). Percebe-se aqui uma profunda relação entre palavra e sacrifício.

A terceira grande assembleia na história de Israel é celebrada pelos primeiros judeus que voltaram a Jerusalém, depois do exílio da Babilônia. Todo o povo reunido na praça escuta a leitura do livro da Torah. É uma leitura contínua, que se prolonga pelo dia inteiro, lendo a perícopes e traduzindo as palavras hebraicas para o povo que somente conhecia o aramaico. Seguem-se depois a explicação e o comentário sob a responsabilidade de Esdras e dos levitas. A resposta, porém, à palavra de Deus proclamada, se manifesta no sacrifício interior de expiação e de louvor, que se concretiza no jejum, na confissão dos próprios pecados e na longa oração de bênção (Ne 8-9). Por outro lado, o povo se compromete a restabelecer o culto do templo, depois de reconstruído. “Nós nos comprometemos assim para não negligenciar a casa do nosso Deus” (Neemias 10,40).

Exatamente ao redor do culto da Torah constitui-se o judaísmo após a volta do exílio. As celebrações da sinagoga não substituíam o culto do templo; ao contrário, o integravam, de forma que, com o passar do tempo, as orações da sinagoga foram consideradas por muitos como o equivalente espiritual dos sacrifícios do templo. A assembleia sabática sinagoga se abre com um conjunto de orações e com proclamação do *shemá*, que resume a Torah: “Escuta, Israel” (Dt 6,4-9). Termina com a leitura da Torah e sucessivamente de um texto dos profetas, com o comentário de um dos presentes. Cantam-se, então, Salmos e a cada versículo proclamado pelo leitor, o povo responde “Aleluia”.³⁷ Segue-se uma longa oração de bênção e de intercessão, com 18 intenções, encerrando-se com a bênção, segundo a fórmula de Aarão (Nm 6,24-25).

1.5 - CRISTO É O CENTRO DA PALAVRA PROCLAMADA NA LITURGIA

A proclamação da Palavra de Deus atinge a sua plena realização na pessoa de Cristo: “É preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai e faço aquilo que o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos” (Jo 14,31). Com este estado de alma, Jesus se encaminha para o Getsêmani, para a sua “hora”. No sacrifício da cruz, Ele proclamará diante do mundo o amor ao Pai.³⁸ Cristo, Palavra encarnada, é, na sua vida, resposta viva à Palavra de Deus, até o supremo sacrifício da sua existência terrena (Jo 8,28-29).

A íntima relação entre palavra e sacrifício é clara especialmente na última ceia. Enquanto Jesus explica o seu sacrifício como obediência à palavra do Pai, prepara os seus discípulos para o banquete eucarístico com ensinamentos que exigem atitudes sacrificais: eles, segundo o exemplo do seu Mestre, são chamados a servir (Jo 13,12-17) e observar os seus mandamentos com amor e fidelidade, para poder permanecer na intimidade do próprio Cristo e do Pai (Jo 14,15-24); Devem estar dispostos a suportar o ódio e a perseguição do mundo por causa do seu nome (Jo 15,18-25) e aceitar a tristeza da separação, para poder depois desfrutar da sua

³⁷ Aleluia, em hebraico “Hallelu – Yah” é o mesmo que “louvai Deus (Yah)”.

³⁸ Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1998, p. 137.



presença gloriosa (Jo, 16,16-23); Eles receberam a palavra e nela devem ser consagrados, (Jo 17,14-19) como sinal sacramental de Cristo.³⁹

O centro e a plenitude de toda a escritura e de toda a celebração litúrgica é Cristo, palavra e sinal comunicador do amor com que Deus intervém e age para salvar seu povo. Presença divina ativa entre nós, Ele é uma presença contínua na Igreja por meio da Eucaristia e dos demais sacramentos, está presente na assembleia reunida, na pessoa do ministro, na Palavra proclamada e na oração comunitária. Onde se proclama a sua soberania, aí está o Senhor presente e, realizando o mistério da Salvação, santifica e presta ao Pai o culto perfeito.⁴⁰ Na proclamação da Palavra, Cristo continua falando a seu povo, como profeta e sacerdote. Os fiéis, escutando a Palavra de Deus, reconhecem que as maravilhas, ali anunciadas, atingem a plenitude no mistério pascal.⁴¹

1.6 - A EFICÁCIA DA ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS PROCLAMADA NA LITURGIA

A Palavra de Deus proclamada na liturgia exige uma escuta atenta e devota, que supere a mentalidade factual e intelectualista, destinada a favorecer o saber gnosiológico. É necessário que a escuta seja feita em nível de fé e com as devidas disposições pessoais.⁴² Uma fé que leva a pessoa à oração e uma oração que a conduz à fé. A revelação de Deus, antes de ser “palavra” perceptível, é uma realidade que interpela todo o ser humano que se dispõe a escutá-lo.

A proclamação da Palavra de Deus na liturgia evoca a história sagrada com grande realismo, de tal modo que o mistério do qual se fez memória é reproposto para que a assembleia o acolha e o viva na fé. A participação dos fiéis na escuta da Palavra os leva a uma solene profissão de fé na Palavra escutada e na Eucaristia (ação de graças, agradecimento) celebrada. Nas relações com Deus, o agradecimento assume normalmente a forma de uma oração (Sb 16,28; 1Tes 5,17; 2Cor 1,11; Cl 3,17). Tem relação, então, naturalmente, com a bênção que celebra as maravilhas de Deus, porque estas maravilhas se manifestam para o homem na forma de benefícios que dão ao louvor o colorido do reconhecimento.

Deus é bendito porque se manifesta nas coisas e fatos, que o fiel percebe como vindos dEle, e por isso lhe presta louvores como fonte de todo o bem. A assembleia toma conhecimento das obras admiráveis feitas por Deus por meio da proclamação da Palavra. A ação de graças se exprime já no próprio âmbito da liturgia da Palavra; no fim de cada leitura este sentimento é manifestado de várias formas: “demos Graças a Deus”⁴³ ou também “Glória a vós, Senhor”.⁴⁴ O “Aleluia”,⁴⁵ que precede a proclamação do evangelho, também é elemento que deve ser interpretado neste contexto.

³⁹ CELAM. *Manual de Liturgia II*. A celebração do Mistério Pascal. São Paulo: Paulus, 2005, p. 162.

⁴⁰ Cf. CNBB, doc. 52, *Orientações para a celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2009, p.10.

⁴¹ Cf. *Ibid.*, p.11.

⁴² Cf. Matias AUGÉ, *op. cit.*, p. 141.

⁴³ ODORÍSSIO, Mauro. *Missa, mistério*. São Paulo: Ave Maria, 2003, p. 47.

⁴⁴ *Ibid.*, p.47.

⁴⁵ *Ibid.*, p.48.



A reforma conciliar do Vaticano II quis devolver à comunidade cristã a vivência da revelação bíblica e o florescimento das leituras que se constata nos primeiros séculos da liturgia da Igreja. Mas o Concílio quis mostrar não apenas a riqueza como também a unidade de toda a Bíblia, bem como esse dinamismo progressivo que vai apontar nitidamente para a manifestação de Cristo; ou seja, o sentido cristocêntrico tão importante para os Padres da Igreja nos primeiros séculos.

“A Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, como também o próprio corpo do Senhor; sobretudo na sagrada liturgia, nunca deixou de tomar e distribuir aos fiéis, da mesa tanto da Palavra de Deus como do corpo de Cristo, o pão da vida. Sempre considerou as divinas Escrituras e continua a considerá-las, juntamente com a Sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé; elas, com efeito, inspiradas como são por Deus e escritas uma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus, e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos Apóstolos. É preciso, pois, que, do mesmo modo que a religião cristã, também a pregação eclesial seja alimentada e dirigida pela Sagrada Escritura. Com efeito, nos Livros Sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos para conversar com eles; e é tão grande a força e virtude da Palavra de Deus, que fornece à Igreja o apoio vigoroso, aos filhos da Igreja a solidez na fé, e constitui alimento da alma, fonte pura e perene da vida espiritual. Por isso se deve aplicar por excelência à Sagrada Escritura o que foi dito: “A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12), e “tem o poder de edificar e de vos dar a herança entre todos os santificados” (Cf. At 20,32; 1Ts 2,13).⁴⁶

A Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, recorda a veneração que a Igreja sempre teve para com as Sagradas Escrituras como Palavra de Deus e convida os fiéis a se alimentar dessa Palavra para serem fortalecidos na vida espiritual e moral. Recorda também que a Sagrada Escritura deve ser a alma da teologia. Convoca os ministros ordenados a cuidar bem das homilias nas celebrações litúrgicas, principalmente na Eucaristia, lugar por excelência para se proclamar e escutar a Palavra de Deus, pois é aí que a Palavra anunciada se faz carne, alimenta e dá vida. A Salvação anunciada na Escritura é celebrada na Páscoa eucarística.⁴⁷

1.6.1 - A SACRAMENTALIDADE DA PALAVRA DE DEUS ESCUTADA NA LITURGIA

A Palavra de Deus atinge o máximo de sua atualidade e sacramentalidade na liturgia da Igreja, como sinal eficaz de salvação na vida das comunidades cristãs. O Concílio Vaticano II ensina que é “o Cristo mesmo quem fala quando se leem as escrituras na Igreja”⁴⁸. Na liturgia,

⁴⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2015, n.21, pp. 31-32.

⁴⁷ Cf. LOPES, Geraldo. *Dei Verbum*, texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 125.

⁴⁸ SC, n. 7.



Deus fala a seu povo, Cristo anuncia o Evangelho. O povo dialoga com Deus através de cânticos e orações.⁴⁹

É na liturgia da Igreja que as escrituras são mais profundamente compreendidas. O Deus que outrora falou pelos profetas, mantém um diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo faz ressoar na liturgia da Igreja a voz viva do Evangelho de Cristo. A Palavra de Deus não se fecha na escrita, ela continua sendo anunciada e ouvida na história da Igreja, que se empenha em anunciá-la ao mundo como instrumento de salvação.

A Palavra de Deus transforma a vida dos que dela se aproximam com fé. A Palavra nunca se esgota: é nova a cada dia. No entanto, é necessária uma fé que escute, pois a escuta cria uma pertença, um laço, introduz na aliança. O Pai apresenta o Filho como sinal da verdadeira aliança comunicada aos homens, “este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai o que Ele diz” (Mt 17,5). A palavra provoca, na pessoa que a escuta com fé, uma eficácia sacramental.

CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado, algumas premissas se evidenciam: a escuta da Palavra de Deus na liturgia é ação sagrada, num sentido único, não igualado em eficácia nem em grau por nenhuma outra ação da Igreja. Não obstante, com respeito à escuta na liturgia, muito resta a ser feito, tanto para assimilar nas celebrações a renovação litúrgica desencadeada pelo Concílio Vaticano II, como para ajudar os fiéis a fazerem da Palavra escutada na liturgia uma expressão de seu compromisso pessoal individual e comunitário com o Senhor no seu cotidiano.

Ainda não se alcançou a plena consciência da importância da escuta silenciosa da Palavra na liturgia. O barulho da vida moderna interfere nas ações litúrgicas. Urge uma formação dinâmica dos fiéis para vivenciar o processo da escuta. Este processo de formação litúrgica para uma escuta mistagógica está lento e confuso. Faz-se necessário redescobrir o sentido do recolhimento e do silêncio interior para favorecer a escuta orante, atenta e devota da Palavra de Deus. A falta de uma cultura do silêncio nos dias de hoje faz com que as pessoas se tornem presas fáceis do secularismo, do hedonismo e do consumismo que invadem a cultura moderna e, em todo caso, as incapacita a uma cultura do ouvir atentamente.

A proposta deste estudo é apresentar caminhos, entre tantos outros, para uma escuta orante e silenciosa da Palavra de Deus na liturgia. A oração nascida da escuta da Palavra de Deus leva o fiel a uma atitude orante. Favorecer uma cultura do silêncio interior colabora para uma vivência mistagógica da Sagrada Escritura, proclamada na liturgia. Constata-se também que tornar os espaços celebrativos em ambientes sólidos da escuta fortalece a cultura do silêncio sagrado. Sabe-se que há muito por fazer. O caminho a ser percorrido está aberto para a continuidade da pesquisa.

⁴⁹ Cf. *Ibid.*, n. 33.



BIBLIOGRAFIA

- ALDAZÁBAL, José. *Vocabulário básico de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ANTONIAZZI, Pe. Alberto. *A Palavra de Deus na vida do povo*. São Paulo: Paulinas.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de. *História da Festa Judaica e das Tendões*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ARGÁRATE, Pablo. *A Igreja Celebra Jesus Cristo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, 1998.
- BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1995.
- BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2014.
- BUYST, Ione. *A palavra de Deus na liturgia (1)*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BURBER, Martin, *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro Editora, 2013.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: CNBB, 2007.
- _____. *Manual de Liturgia II. A celebração do Mistério Pascal*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Manual de Liturgia I. A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do mistério pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CNBB. *Documento 52: Orientações para a celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- _____. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- DÍEZ, Felicísimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- FORTE, Bruno. *À escuta do outro*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- LOPES, Geraldo. *Dei Verbum, texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- MAZZAROLO, Isidoro. *A Eucaristia: Memorial da Nova Aliança*. São Paulo: Paulus, 2006.
- ODORÍSSIO, Mauro. *Missa, mistério*. São Paulo: Ave Maria, 2003.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2015.
- RUSCONI, Carlo. *Vocabulario del greco del Nuovo Testamento*. Bologna: EDB, 1997.
- SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 681.
- <http://www.revistamissoes.org.br/2016/04/o-uso-do-nome-de-deus> acesso: 13/05/2016.

Recebido em: 22/08/2016
Aprovado em: 24/10/2016